

# Uma Nota Sobre Ruy

ERNANI SATYRO

**N**ÃO era nosso propósito escrever sobre Ruy nesta festejada passagem de seu Centenário. Não que lhe negássemos porventura as homenagens devidas por todo brasileiro medianamente esclarecido. Mas porque, nesses momentos, toda e qualquer observação se dilui na voga geral dos panegíricos. E Ruy está a exigir também algumas páginas de meditação, depois de passar por esses dois pólos, que tornam completa a vida dos homens sobre a terra: a injustiça e o reconhecimento de seus semelhantes.

Por mais forte, porém, que nos fôsse a intenção de silenciar, teria de ceder diante da solicitação de um órgão de imprensa, dedicado aos interesses do Serviço Público. Porque a simples natureza dessa publicação bastaria para sugerir uma das facetas impressionantes na vida do grande baiano.

Sim, Ruy Barbosa foi, antes de mais nada, um homem fiel ao trabalho. Nunca deixou uma tarefa pela metade, mesmo quando, depois de velho, tivesse de revolver conhecimentos, de certo modo distanciados dos verdadeiros objetivos a que consagrara toda a existência. Para apontar um só exemplo disto, aí estão as páginas da "Réplica", em que êle teve de sacudir toda a poeira dos clássicos, para enfileirar exemplos justificados de suas teses. São êstes, talvez, os aspectos sobreviventes daquela polêmica — a dialética e a paciência beneditina (com lugar comum e tudo) do eminente discípulo e opositor de Ernesto Carneiro Ribeiro. Isso porque, quanto ao mérito, os clássicos, como os jurisperitos, prestam-se para tudo, pois a língua, como o direito, organismo vivo e constantemente transformado, em muitos e muitos pontos também muda sem cessar.

Se Ruy poderia perfeitamente pela dialética, pela erudição — e acima de tudo com os efeitos que tirava das palavras — sustentar em muitos casos a tese oposta, para tanto encontrando elementos nos mesmíssimos clássicos, não há como negar que o seu grande mérito, no célebre debate, foi o da dialética e da investigação.

Um esforço daquele não seria possível sem uma capacidade, não digamos sobre-humana, porque seria abusar das palavras — e nem Ruy teve o direito de praticar impunemente êsse abuso; mas um esforço daquele parece que atinge o máximo da capacidade de trabalho dos homens.

Êsse amor ao trabalho sobrepõe-se a muitos aspectos de sua vida, ressaltados no entusiasmo das comemorações. Já nem é necessário falar no milagre da autodidática, comum a quase todos

os brasileiros, pelo menos num sentido superior de aprendizagem e investigação. Mas realizar o que Ruy realizou, sem um sistema completo de fichários, o espírito perturbado pelas tempestades políticas em que mergulhava toda a sua vida, é alguma coisa que resiste à retumbância das comemorações exteriores.

Poderíamos reler algumas páginas de Ruy e trazer para esta nota qualquer ilustração. Mas não estamos defendendo tese nenhuma. Preferimos falar do Ruy que sentimos dentro de nós, dessa figura que sempre ocupou o mesmo lugar de admiração, que não se tornou menor, com o negativismo das ditaduras, mas também não cresceu com a pirotécnica das consagrações. Um Ruy com seus defeitos e suas virtudes, com suas ascensões e suas quedas — estas menores, é verdade, mas suficientes para situá-lo na posição de criatura humana.

Se fôra necessário indicar um desses defeitos no plano intelectual, um exemplo ocorreria, paradoxal, talvez, mas bem característico de sua personalidade. Êsse exemplo é a palavra. Com a orientação que Ruy imprimiu à sua vida de lutas, foi a palavra o instrumento milagroso, que lhe permitiu tirar efeito de todas as coisas. Teses as mais arrojadas, por vêzes até forçadas, encontravam na palavra a serva obediente e fiel, sempre disposta a mostrar ou a esconder aquilo que o argumentador desejava. Debates jurídicos, questões vernaculares, assuntos políticos — tudo era tocado daquele sópro transformador.

Mas ninguém recebe impunemente tão elevado favor da natureza. Muitas e muitas vêzes ficamos sofrendo, ao reler certas páginas de Ruy, com a abundância de expressões a dificultar o raciocínio mais simples: os sinônimos estragando tudo e a insistência levando a duvidar de sua crença na verdade defendida.

Ruy Barbosa rarissimamente sugeria ou hesitava à margem dos problemas. Êle era a antítese perfeita do ensaísta, nessa concepção tão apropriada do ensaio, de que há pouco nos falava Gilberto Freire. Ruy era sempre afirmativo. Não diremos dogmático porque êle não se preocupava com os dogmas em si, mas com o serviço que determinada afirmação pudesse prestar à sua causa, quase sempre a boa causa.

Poderia objetar-se que isto resultava de suas próprias atividades de político e advogado. Mas, quem pode penetrar nesses mistérios da natureza humana? Não será que a verbosidade e a dialética é que o arrastaram para a política e a advocacia? Como poderia êle acomodar, por

exemplo, essa capacidade de discutir e pregar, de mostrar e esconder, de defender e acusar, de se fismar e desmanchar sofismas, sempre repetindo, insistindo, persistindo, como acomodar tudo isto nas atividades de um juiz ou de um jurista puro, distante das lutas e das paixões?

Eis aí por que nego a Ruy a qualidade de um legítimo pensador. Não porque lhe faltasse talento. Outros de menor talento podem ser apontados como pensadores. Mas, porque lhe faltou serenidade e silêncio. As palavras, com sua música e seu barulho, não lhe permitiram instantes indispensáveis para meditar desapassionadamente. Temos a impressão de que êle pensava com as palavras. De que jamais conheceu o silêncio. Tôda meditação era uma causa a defender, tôda investigação, um discurso. Poderíamos dizer de Ruy que foi um homem sem silêncio. Um homem permanentemente perturbado pelo próprio verbo. Êsse, o reverso da medalha, o tributo pago à riqueza verbal que lhe proporcionou tão retum-

bantes vitórias. Que lhe proporcionou tôdas as vitórias, menos uma, aquela a que mais aspirou.

Será que o instinto da Nação recebeu perder o seu maior verbo? Ou sacrificar, na administração, o defensor das liberdades públicas? Ou sacrificar a própria administração, que não pode ser feita com palavras?

Ninguém pode responder. Mas a verdade é que Ruy, o eleito da palavra, foi também uma vítima da palavra. O Ruy que nos encanta, é o mesmo que algumas vêzes nos cansa e enerva. Que bate, rebate, vai e volta, para no fim nos dizer a mesma coisa.

Num ponto, porém, êle foi completo. No amor ao trabalho, na ânsia de perfeição. Êste exemplo ficará entre os maiores de sua vida, tão grande como seu amor ao direito, à liberdade e à justiça. Direito, liberdade e justiça, que são palavras indispensáveis a quem escreve sôbre o maior brasileiro de todos os tempos.

\* \*

•

Já vistes explicar o estouro da boiada? Vai o gado na estrada mansamente, rota segura e limpa, chã e larga, batida e tranqüila, ao tom monótono dos eis! dos vaqueiros. Caem as patas no chão em bulha compassada. Na vaga doçura dos olhos dilatados transluz a inconsciente resignação das alimarias, oscilantes as cabeças, pendente a margem dos perigalhos, as aspas no ar em silva rasteira por sôbre o dorso da manada. Dir-se-á a paciência em marcha, abstrata de si mesma, ao tintinar dos chocalhos, em pachorrenta andadura, espertada automaticamente pela vara dos boiadeiros. Eis senão quando, não se atina por que, a um acidente mínimo, um bicho inofensivo que passa a fugir, o grito de um pássaro na capoeira, o estalido de uma rama no arvoredo, se sobressalta uma das reses, abala, desfecha a correr, e após ela se arremessa, em doida arrancada, atropeladamente o gado todo. Nada mais o reprime. Nem brados, nem agulhadas o detêm, nem tropeços volta ou barrancos por davante. E la vai, incessantemente, o pânico em desfilada, como se os demônios o tangessem, léguas e léguas até que, exausto o alento, esmorece e cessa, afinal, a carreira, como começou, pela cessação do seu impulso. Eis o estouro da boiada. Assim o movimento político de maio: um baque, um susto, um esparramo, e a desordem geral no mundo político surpreendido.

Ruy Barbosa

\* \*

•

A paixão da verdade, semelha, por vêzes, as cachoeiras da serra. Aquêles borbotões d'água, que rebentam e espandam, marulhando, eram pouco atrás, o regato que serpêa, cantando pela encosta, e vão ser, daí a pouco, o fio de prata que se desdobra, sussurrando, na esplanada. Corria murmuroso e descuidado; encontrou o obstáculo: cresceu, afrontou-o, envolveu-o, cobriu-o, e afinal, o transpõe, desfazendo-se em pedaços de cristal e flocos de espuma.

A convicção do bem, quando contrariada pelas hostilidades partinazes do erro, do sofisma ou do crime, é como essas catadupas da montanha. Vinha deslizando, quando topou na barreira, que se lhe atravessa ao caminho. Então remoinhou arrebatada, ferveu, avultando, empinou-se e agora brame a voz do orador, arrebatada-lhe em rajadas a palavra, sacode, estremece a tribuna, e despenha-se-lhe em tórno, borbulhando.

Mas o que ela contém, e a impele, e a revolta, não é cólera, não é destruição, não é maldade: é o poder do pensamento, a vibração da fé, a energia motriz das almas, êsse fluido impalpável que se transporta nas ondas invisíveis do ambiente, e vai, por outras regiões, arder nos espíritos, fulgurar nas trevas humanas, abalar vontades, agitar indivíduos e povos, reanimados ao seu contato, como os mais maravilhosos instrumentos da indústria os teares, as forjas, os estaleiros, acordam ao influxo dessa eletricidade silenciosamente bebida, léguas e léguas daí, por um fio de cobre aéreo, das quedas sonoras do rio. Enquanto, porém, essa transmissão imperceptível opera ao longe maravilhas, renovando a atividade às civilizações, derramando vida pela superfície da terra, a correnteza, precipitada, que acabou de enviar à distância essas descargas da grande força, volve, pouco adiante, ao remanso ordinário do seu curso, perdendo-se entre as devesas do monte e as alfombras da pradaria.

Ruy Barbosa